

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

LÍNGUA, IMPRENSA E PRECONCEITO: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM JORNAL POPULAR DO RIO DE JANEIRO

Eduardo da Silva de Freitas (UERJ)
eduardosfreitas@gmail.com

1. *Ligações preconceituosas: sensacionalismo e classes sociais*

Sensacionalista é um adjetivo de conotação pejorativa que, no campo das comunicações sociais, está ligado aos produtos midiáticos de formato “popular”. Quando se refere a um jornal impresso, a definição de, em verdade, parece comportar três aspectos que estão inter-relacionados. O primeiro, que chamaremos de “filosófico” diz respeito aos objetivos gerais da publicação. Normalmente, um jornal sensacionalista é taxado como um produto cujo objetivo maior é gerar lucro para seus proprietários, sem mesmo preocupar-se com a credibilidade da informação veiculada. Não comprometido com a informação, o que este tipo de jornal faz é “sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 16).

A segunda característica do jornal sensacionalista diz respeito a seu conteúdo. Na definição de especialistas, este tipo de produto valoriza a violência, o sexo, o cotidiano, a vida de celebridades. Para isto, ele adota uma perspectiva trágica ou dramática na narrativa de um fato, buscando despertar a emotividade do leitor, sem prescindir do exagero, do ridículo, do pitoresco, do exótico, do insólito ou do fantástico⁶.

Por fim, há os elementos mais diretamente à forma. No jornal sensacionalista, os tipos são variados; a linguagem tende para o coloquial, com uso de gírias, de neologismos; as cores são chamativas; a publicidade ocupa boa parte do jornal. Obviamente, é por meio da linguagem que se concretiza o espalhafato e o escandaloso de um jornal sensacionalista.

⁶ Segundo Márcia Franz Amaral (2005, p. 5), tais elementos são identificados por Rosa Nívea Pedroso.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Interessante notar que a associação entre sensacionalista e popular talvez só possa ser justificada de maneira direta em termos de linguagem. De fato, como aponta Márcia Franz Amaral, em se tratando de jornal de massa, por que o objetivo de ganhar dinheiro torna-se um fator identificação do jornal sensacionalista? Por acaso os jornais “sérios” não são feitos para isso? Ao que parece, considera-se que os jornais feitos para a elite são mais éticos do que os populares, por se preocuparem em informar o leitor. Mas até que ponto pode-se acreditar nisso? Então num jornal sério não há distorções do fato? Nas palavras de Márcia Amaral,

Muitas críticas aos exageros e às distorções da imprensa popular, pertinentes do ponto de vista ético, caem no outro extremo de imaginar possível uma notícia límpida que faça os fatos transparecerem tal como aconteceram. Ora, as notícias não emergem naturalmente do mundo real para o papel, não são simplesmente o reflexo do que acontece. São redigidas a partir de formas narrativas, pautadas por símbolos, estereótipos, frases feitas, metáforas e imagens. (AMARAL, 2005, p. 3)

Essa ideia de que não há um relato “puro” deve ser ressaltada, pois revela com propriedade a dimensão ética do jornalismo. Toda notícia, por maior que seja a pretensão de imparcialidade de seu redator, é sempre construída segundo um ponto de vista. Ora, a determinação de que fatos são relevantes, de quais elementos seus devem ser inseridos na notícia e de como as personagens devem ser tratadas, por exemplo, é feita não só pelo repertório cultural do redator, mas também – senão principalmente – pela instituição que representa. A afirmação de que “a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade” (ANGRIMANI SOBRI-NHO, 1995, p. 16) é inocente, para falar o mínimo.

A ética também se espalha pela questão do conteúdo jornalístico. Como se viu, o sensacionalismo define-se pela violência, pelo sexo, pela referência a personagens célebres. Mais uma vez, é preciso perguntar-se: este conteúdo é exclusivo dos jornais sensacionalistas? Obviamente, não; ele também ocorre em jornais “sérios”. Então por que, quando se trata de jornais populares, isso se torna um fator negativo? Não será simplesmente por que um trata destes assuntos numa perspectiva mais “local”, ao passo que o outro se detém sobre casos de pessoas ricas, de figuras de estado? Talvez.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

De qualquer forma, veja-se que mais uma vez estamos lidando com uma questão de classes sociais. O público a que se dirige um jornal “sério” é formado por pessoas com escolaridade alta e situadas nas classes mais elevadas da sociedade, o que lhes permite dispor de mais bens materiais e culturais. De outro lado, os jornais sensacionalistas ou “populares” são direcionados para uma população com um perfil sócio-cultural inverso àquele. Esta diferença implica diferenças também de interesses e expectativas entre os consumidores, os quais estão diretamente ligados ao enfoque dado pelos jornais.

Em parte, isso justifica a caracterização de Angrimani Sobrinho de que o jornal sensacionalista esteja mais ligado ao emocional do que ao racional. Considerando que boa parte das pessoas das classes mais baixas da população não passa pelo processo de formação cultural sistematizado que é dado pela escola, e que sua vida sócio-cultural restringe-se ao ambiente próximo, o esse tipo jornal explora o lado mais sensível da notícia, seja por meio do escândalo, seja tomando posição aberta e intensamente diante de um fato, seja dene-grindo ou exaltando etc.

Não se ignore, entretanto, que esta atitude dos jornais sensacionalistas parece residir mais uma vez no preconceito de classe. Como se sabe, estes jornais “populares” não são produzidos ou escritos por pessoas das classes mais baixas da população. Ainda que muitos possam ter uma origem pobre, o nível de especialização exigido para se tornar um jornalista é alto, implicando escolaridade de nível superior, no mínimo, e por isso uma condição material melhor. O preconceito transparece ao se perceber que é “na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas” e que é “no tratamento antianódino da notícia, quase sempre embalada em um caleidoscópio perverso, que o sensacionalismo se destaca dos informativos comuns.” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 17).

Dessa forma, os jornais sensacionalistas e os próprios críticos que o rotulam de “popular” acreditam, ou aceitam, que é imanente ao universo cultural das classes pobres a perversão, a fantasia, o sadismo, etc. Em verdade, por não partilharem do universo cultural que pretendem mostrar, os jornalistas acabam projetando uma visão este-reotipada deste universo, projetando a percepção que as classes supe-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

riores têm das inferiores. Em verdade, o termo “popular” adstrito ao sensacionalismo representa a concretização do preconceito de classe, justamente na medida em que mascara a falta de preocupação em se deslocar para o campo cultural do outro – no caso o pobre – ao mesmo tempo em que leva a crer que tal deslocamento existe.

Este comportamento atualiza-se também na linguagem do jornal. Deixando de lado, as cores chamativas e o excesso de publicidade – embora sejam importantes para a caracterização do gênero –, tomemos apenas a observação feita por Angrimani Sobrinho:

Ainda dentro do ponto de vista jornalístico, a linguagem sensacionista não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante. A linguagem utilizada é a coloquial, não aquela que os jornais informativos comuns empregam, mas a coloquial exagerada, com emprego excessivo de gírias e palavrões. (1995, p. 16)

É perfeitamente compreensível que a linguagem de um jornal voltado para uma população de baixa escolaridade não pode ser muito distante do coloquialismo, sob pena de não se fazer entender. Neste âmbito, enquadra-se o uso de gírias, que, realmente, são responsáveis pelo reconhecimento do público no jornal. A questão é que, ao que parece, não se percebe que estas são as mesmas estratégias utilizadas pelos “jornais comuns” com seu público. Fica claro que a oposição criada entre linguagem sofisticada e estilo elegante, de um lado, e coloquialismo com uso de gírias, do outro, é uma ideia valorativa, que tem a ver com o prestígio social dos destinatários, e que recai simplesmente sobre o aspecto da seleção vocabular⁷. Realmente, se considerarmos, por exemplo, a dimensão sintática das construções como a concordância e a regência percebe-se que elas são dentro da gramática normativa na maioria dos casos.

A crença que se mostra tanto da parte do jornalista quanto dos críticos é que as gírias e o coloquialismo são traços linguísticos exclusivos de uma classe social. Em verdade, o uso ou não de gírias e a forma coloquial estão presentes em diversas ocorrências discursivas que perpassam todas as classes sociais. Num jornal sensacionista,

⁷ Embora o autor identifique o uso de palavrões como uma característica do gênero, diga-se que não constam dos exemplares que consultados para a realização deste trabalho.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

entre outras coisas, talvez elas sejam utilizadas para aliviar a rigidez formal já consagrado pela imprensa “séria”, fazendo com que leitores de classe baixa e com uma percepção cultural restrita ao seu ambiente mais próximo sintam-se mais à vontade para lidar com as notícias⁸.

2. Classe social e língua

Como se tem visto, o termo sensacionalista remete a uma visão de “popular” formada a partir de certos estereótipos de classe social. Neste caso, “popular” sugere algo voltado para as classes pobres e que remete ao universo cultural delas. Já se viu que este é um preconceito grosseiro tanto da parte jornalista, como da parte da crítica. Considerando o termo pelo prisma de seu sentido sócio econômico, no caso do jornal *Meia-Hora*, o único elemento efetivamente popular que apresenta é o preço.⁹

Apesar da visão estereotipada que o jornal sensacionalista carrega a respeito das classes pobres, é inegável ser seu intento atingir tais classes. Daí que, além de seu preço baixo, recorre-se ao uso de certas palavras e expressões de uso corrente na fala popular. Ela é responsável pela identificação do público com o jornal, sem dúvida; é a forma pela qual o público se vê representado. Entretanto, é preciso esclarecer o que, em termos de língua, é considerado popular para que uma afirmação como essas não se confunda com preconceito.

2.1. Ainda o “preconceito linguístico”

Há algum tempo, o tema “preconceito linguístico” entrou definitivamente na pauta das discussões sobre a Língua Portuguesa. Desde fins da década de 1990, pelo menos, o assunto ganhou bastante espaço nos meios acadêmicos, principalmente a partir da publicação de *O Preconceito Linguístico*, de Marcos Bagno, que se tornou

⁸ É claro que esse é um recurso de aproximação com o público. Mas quem há de dizer que os jornais não sensacionalistas não apresenta tal característica? A diferença assenta-se justamente no perfil dos leitores de um e outro.

⁹ Atualmente, o preço do jornal *Meia-Hora* é R\$ 0,70.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

referência bibliográfica em diversos cursos sobre o ensino de Língua Portuguesa.

No entanto, embora tenha ganhado relevo significativo neste período, há de se notar que o tema do “preconceito” remete a uma época mais distante. De fato, segundo Rodolfo Ilari (s/d,), Mattoso Câmara, em 1957, publicou um texto propondo uma nova interpretação para os “erros” de português que professores dos níveis fundamental e médio identificavam na fala e na escrita de seus alunos. Ao invés de tratá-los como indício de alguma incapacidade dos alunos, os professores deveriam ver nestas formas de expressão linguística apenas um reflexo do processo de transformação por que passava a língua portuguesa falada na época.

Veiculada na época em que a Linguística estava sendo introduzida no Brasil, esta ideia remetia à tendência da corrente estruturalista para a qual os falantes de uma língua compartilham um sistema de regras e códigos que lhes possibilita a comunicação. Dessa forma,

Há uma estrutura linguística a revelar sempre que as pessoas se comunicam através da linguagem, e isso vale para as grandes línguas de cultura e para as línguas politicamente menos importantes (por exemplo as que são faladas nas sociedades primitivas), para os comportamentos linguísticos que seguem o padrão culto e para aqueles que a sociedade discrimina como incultos ou vulgares. (ILARI, s/d, p. 6)

Com o advento destas ideias, introduziu-se no meio acadêmico a questão das variedades linguísticas, chamando atenção para a legitimidade das formas de falar dos diversos grupos sociais. São inúmeras as publicações que têm abordado este tema desde então. E, na esteira delas, os programas curriculares passaram a ressaltar a importância de o professor de língua portuguesa internalizar tal perspectiva e a transmitir a seus alunos. Esta é a postura dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que, desde 1998, têm fornecido orientação para se pôr em prática o ensino da Língua Portuguesa.

Em verdade, embora tenha regredido no meio acadêmico, parece que o preconceito linguístico ainda continua grande na sociedade. Uma resposta para isso foi aventada, em 2003, novamente por Marcos Bagno. No seu livro *A Norma Oculta: Língua e Poder na Sociedade Brasileira*, retomou o tema enfatizando claramente um ponto que ficara latente no livro de 1998. Bagno procura mostrar que o preconceito linguístico é um desdobramento do preconceito de

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

classe, na medida em que o policiamento do uso da língua é feito pelas classes mais abastadas sobre as das classes baixas. Criticam-se, por exemplo, concretizações linguísticas que desviam da *norma culta* quando produzidas por falantes de pobres, mas não se dá o mesmo quando os falantes são ricos. Aliás, como ressalta o autor, não raro, as pessoas que policiam o falar alheio, como defensores do português “mais puro”, cometem os mesmos “erros” que apontam nos outros. Assim, quando o “erro” já se tornou uma *regra* na língua falada pelos cidadãos mais letrados, ele passa despercebido e já não provoca arrepios nem dores de ouvido – muito embora contrarie as regras da gramática normativa, aquelas que, teoricamente, deveriam ser seguidas pelas pessoas “cultas”, sobretudo quando escrevem textos que exigem mais cuidado. (BAGNO, 2003, p. 27-28)

No livro *A norma oculta*, Marcos Bagno traça um perfil do que se costuma entender como norma culta. Segundo o autor, a tradição gramatical do ensino de língua portuguesa produziu a ideia de que esta variedade do uso da língua está ligada aos modelos de escrita produzidos pelas pessoas cultas, entendidas como os “escritores corretos” (BAGNO, 2003, p. 44-47). Entretanto, como nota, tal ideia não se assenta em nenhuma metodologia, senão que na imaginação dos próprios gramáticos.

Além disso, o linguista aponta que é comum relacionar-se a norma culta da língua à linguagem literária. Normalmente, é dos grandes escritores do passado que se tiram as prescrições gramaticais tidas como “corretas”. Acontece que o

Impacto da linguagem literária sobre uma sociedade como a brasileira, por exemplo, é ínfimo. Tradicionalmente, somos um povo que lê pouco: nossas práticas sociais, mesmo entre as classes mais abastadas, sempre foram muito mais guiadas pela oralidade do que pela cultura livresca. (BAGNO, 2003, p. 48).

Sem entrar na questão de que em muitos desses “grandes escritores” podem ser encontrados desvios em relação à norma gramatical pregada, essa displicência dos gramáticos é responsável pela formulação de regras que não se pautam nas práticas reais da maioria dos falantes e escritores da língua portuguesa. Consequentemente, o

...próprio nome do idioma – *português* –, então, deixa de designar toda e qualquer manifestação falada e escrita por parte de todo e qualquer falante nativo, e passa a designar exclusivamente esse ideal abstrato

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

de língua certa, essa “norma culta” que só uns poucos iluminados conseguem apreender e dominar integralmente (BAGNO, 2003, p. 50-51).

Mas, além dessa ideia, há outra de definição mais objetiva, que remete a critérios socioculturais mais específicos. Bagno cita o critério formulado pelos pesquisadores do Projeto NURC¹⁰, assentados na “escolaridade superior completa e antecedentes biográfico-culturais urbanos” (2003, p. 51), para definir a norma culta do português. Como observa Bagno, não se pode afirmar que os falantes que não preenchem tais requisitos sejam incultos, no sentido de que não possuem qualquer cultura, já que “do ponto de vista sociológico e antropológico, *não existe nenhum ser humano que não esteja vinculado a uma cultura*” (2003, p. 58). A questão é que assim se faz uma distinção objetiva entre os indivíduos que dominam uma modalidade canonizada da língua de outros que não a dominam.

Desta perspectiva, fica claro que o domínio da forma canonizada não implica o desconhecimento das outras formas. Por exemplo, pensando no caso do jornal *Meia-Hora*, é óbvio que todos os jornalistas atendem ao primeiro dos requisitos, o que não os impede de utilizar as formas não canonizadas pela cultura.

Ora, sabe-se que no Brasil, a maioria da população pobre não possui nível de escolaridade superior. Percebendo isso de modo consciente ou não, um jornal popular deve fazer uso de uma linguagem que procure se adequar ao perfil do público. Neste sentido, o uso de gírias e neologismos está perfeitamente previsto no formato do jornal.

Note-se, ainda, que os jornais sensacionalistas são um tipo informal de imprensa escrita, o que também implica o uso não canônico da língua. Embora se deva criticar a visão estereotipada do jornal sensacionalista a respeito das classes pobres, não é um sinal de ofensa ou de desrespeito ao leitor utilizar-se de recursos da linguagem coloquial, tampouco é um indício de falta de qualidade sua. Trata-se, antes, de uma questão de adequação.

¹⁰ NURC significa Norma Urbana Culta e se refere ao falar de habitantes cultos da Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

3. Meia-Hora sem preconceito

Agora faremos uma breve apresentação dos elementos linguísticos encontrados nele que remetem à língua popular. Embora haja diferenças em sua estrutura, todos estão relacionados com alguma alteração semântica. A divisão proposta organiza-se da seguinte forma: a) elementos cujo centro da alteração semântica recai sobre um morfema; b) elementos cujo centro de alteração recai sobre o lexema, alterando-se apenas o significado; c) elementos compostos por sintagmas.

a) *elementos cujo centro da alteração semântica recai sobre um morfema*

Ao que parece, há certa preferência pelos processos de derivação sufixal, como ocorre nas palavras listadas. Os sufixos encontrados servem para transmitir:

- ideia de coletividade:

Poliçada vai pra cima na Tijuca (13/07/ 2009, capa)

Novidade pra garotada (14/07/2009, p. 32)

Festão pra garotada! (18/07/2009, p. 33)

Além da buraqueira, um tremendo rebu (16/07/2009, p. 14)

- deferência ou intensidade – como nos dois últimos textos.

MENGÃO DÁ MOLE E SÓ EMPATA (capa 13/07/ 2009)

Vascão fica numa boa (15/07/2009, p. 7)

VAMOS, FLUZÃO! (18/07/2009, p. 15)

CORNO COVARDÃO AFOGA FILHO DE 12 ANOS DA EX
(17/07/2009, capa)

Festão pra garotada! (17/07/2009, 33)

- afetividade – como no primeiro texto – ou deboche

Mariozinho no xadrez (14/07/2009, p. 7)

Mauricinhos ladrões na jaula (16/07/2009, p. 6)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

*Mané é preso e faz **carinha** de mau* (17/07/2009, capa)

b) elementos cujo centro de alteração recai sobre o lexema, alterando-se apenas o significado

Cerol na Tijuca

*Polícia vai **sacudir** bandidagem com ações especiais* (13/07/2009, p. 6)

Neste caso as palavras sublinhadas têm respectivamente o sentido de “ação ostensiva” e “desorganizar”

Caveiras quebram três (14/07/2009, p. 3)

*PMS **quebram** três em Caxias* (16/07/2009, p. 6)

O verbete “caveiras” é uma metonímia que serve para designar os policiais integrantes do Batalhão de Operações Especiais do Rio de Janeiro, cujo símbolo é uma caveira.

O verbete “quebram” significa “matam”.

*500 quilos de **erva*** (14/07/2009, p. 7)

Nesta passagem o verbete sublinhado designa especificamente a “maconha”.

*Mariozinho no **xadrez*** (14/07/2009, p. 7)

*ROMÁRIO PASSOU A NOITE NO **XADREZ*** (16/07/2009, capa)

*Mauricinhos ladrões na **jaula*** (16/07/2009, p. 6)

Os verbetes sublinhados nos textos acima significam “cárcere, prisão”.

*Loja de **bacana** é investigada* (15/07/2009, p. 18)

Neste caso, o verbete sublinhado indica “pessoa rica”, “ricos”

FLA E FLU PAGAM MICO

*Rubro-Negro joga mal demais e **apanha** do Palmeiras no Maraca: 2 a 1. No Sul, Tricolor toma de 4 a 2 do Inter e se afunda na zona da **degola*** (16/07/2009, capa)

Os dois primeiros verbetes reduções de Flamengo e Fluminense, referindo-se especificamente aos times de futebol do Clube de

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Regatas do Flamengo e do Fluminense Football Club. Neste caso, transmitem ideia de intimidade.

O verbete “apanha” tem o significado de “perde”, no texto em questão.

O substantivo “degola”, da expressão “zona da degola”, substitui o verbete rebaixamento. A “zona de rebaixamento” é formada pelos times de futebol do Campeonato Brasileiro da Série A que disputarão a Série B, que é um nível inferior àquele.

*Além da buraqueira, um **tremendo rebu** (16/07/2009, pg 14)*

O verbete “tremendo” tem valor intensificador; e “rebu” é a redução de “reboliço”. Assim, a expressão indica um “generalizado reboliço”.

*Fla **derrapa** no Maracá (16/07/2009, pg 19)*

O verbete “derrapa” significa “obté resultado ruim”.

*BRANCO É ROUBADO E TOMA **PREJU** DE R\$ 65 MIL (18/07/2009, capa)*

O verbete sublinhado é uma redução de “prejuízo”.

*Hoje **rola** “Rio Fundição Festival – Edição Férias”, com vários shows, na Lapa*

No texto acima, “rola” indica “acontece”, “realiza-se”

c) elementos compostos por sintagmas.

*MENGÃO DÁ **MOLE** E SÓ EMPATA (13/07/2009, capa)*

Neste caso, a expressão destacada indica “joga mal”.

*Polichada **vai pra cima** na Tijuca (13/07/2009, capa)*

*VAMOS, **FLUZÃO!***

*Tricolor de Leandro Amaral **vai pra cima** do Goiás no Maraca, às 18h30, e pode sair hoje da zona de rebaixamento (15/07/2009, p. 15)*

A expressão “vai pra cima” é, nos casos acima, apresenta os sentidos de “confronta” e “jogará no ataque”, respectivamente.

*Álcool **pesa mais no bolso** (14/07/2009, p. 2)*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Neste caso, “pesa mais no bolso” significa “encarece”, “fica mais caro”.

Alunas no sufoco sem a merenda (14/07/2009, p. 14)

Romário no sufoco (17/07/2009, p. 4)

A expressão “no sufoco” tem o sentido de “sofrer, passar por problemas”.

Romário vai em cana (15/07/2009, capa)

A expressão destacada indica que a personagem foi presa.

Estágios a rodo (16/07/2009, p. 2)

A expressão “a rodo” indica grande quantidade.

É pra lá de útil

Um caminhão de vagas de estágio (18/07/2009, p. 02)

As expressões têm o significado de “muito, excessivamente, grande número de, grande quantidade de”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. Revista Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4212/4464>.

Acesso: junho 2008.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. *Espreme que sai sangue*: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *A norma oculta*: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

ILARI, Rodolfo. *Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna*. Disponível em: www.estacaodaluz.org.br. Acesso: junho 2008.

Meia Hora de Notícias. Rio de Janeiro: 13 a 18 de julho de 2009.